

II CONGRESSO INTERNACIONAL DE LINGUÍSTICA E FILOLOGIA
XX CONGRESSO NACIONAL DE LINGUÍSTICA E FILOLOGIA
A COMUNIDADE LGBT
NO DESDOBRAMENTO DA LÍNGUA IORUBÁ

Luan da Cruz (UNIFSJ)

dacruzluan@gmail.com

Raphael de Paula Tito (FATESF/UNIFSJ)

raphaeltito@hotmail.com

RESUMO

Este texto refere-se a uma reflexão e articulação a cerca das gírias urbanas do grupo LGBT e algumas relações de substrato, utilizadas na fala do corpo social *gay* em conjunto com expressões coletivas, oriundas de línguas africanas como o *pajubá*. Baseando-se no uso, na apropriação e nas formas de classificação presentes no *pajubá*, procuramos apresentar e entender como este auxilia na construção de um costume homossexual e o cerne de seu uso funcional, além de observar as contribuições das línguas africanas no léxico do português brasileiro. Após a coleta e análise de dados, percebeu-se que nesses grupos não havia o domínio da língua iorubá, mas o de seu léxico, apenas, disposto em estruturas sintático-semânticas do português. Nesse contexto, o vocabulário de base africana ocorrente em diferentes níveis socioculturais e na estrutura semântica do português brasileiro, evidenciando a forma linguística, encontrada nesse mesmo tipo de vocabulário, originado como línguas ou grupo de línguas que foram proferidas no Brasil durante o regime de escravidão.

Palavras-chave: Linguagem. Gíria. Dialeto. LGBT. Iorubá. Pajubá. Candomblé.

1. Introdução

A proposta desse artigo é retratar a linguagem de grupo, ou a chamada gíria de grupo, classificada como *pajubá* e praticada pela comunidade LGBT (lésbicas, *gays*, bissexuais, travestis e transgêneros) nos estados do Rio de Janeiro, Minas Gerais, São Paulo, Espírito Santo, Bahia, Pernambuco e Maranhão.

No decurso da pesquisa, identificamos que o *pajubá*, além de fazer uma mediação entre a identificação subjetiva e a identificação coletiva, facilitava o entendimento das relações de poder existentes entre o grupo LGBT, uma vez que as formas de apropriação e de classificação presentes neste vocabulário marginal são parte de uma cosmologia, de um conjunto de significados e representações e por que não atestar, de explicações dos preconceitos e discriminações por parte do sujeito emissor, pois mesmo que, inadvertidamente, apropriando-se de nichos dessa linguagem acaba levando consigo os traços das relações de poder emanados pelo construtivo semântico.

Reconhecemos que a definição do pajubá é caracterizada pela incorporação de palavras de línguas distintas, advindas de fontes como iorubá – nagô, francês e inglês, e também como um componente na construção da identidade homossexual. É importante observar que encontramos poucos trabalhos a cerca dessa temática e diagnosticamos que a origem do pajubá estaria nas línguas africanas, especialmente no iorubá. Partimos do pressuposto que tal linguagem fora proferida a priori por travestis e, gradualmente, o léxico expandiu-se inteiramente por todo o grupo LGBT, originando uma série de notificações e ressignificações.

Paulatinamente, expressamos ao longo do trabalho a afirmação da influência do iorubá, sob a ótica do português e suas respectivas variações na linguagem LGBT, o pajubá. Para tanto, iniciamos a conceituação do que é linguagem e gíria, sequencialmente, a definição de gíria dentro de um grupo social e, em segundo momento, contextualizamos a origem das línguas africanas, o acesso desses negros emissores no Brasil de inúmeras línguas africanas distintas. Fomentamos, também, a resistência dessa linguagem na religiosidade afro-brasileira. Num terceiro momento, fizemos estudos comparativos de línguas africana e portuguesa, para elaborar uma tabela de palavras a partir de dados, cruzando as definições etimológicas apresentadas nas publicações e comparando também o significado de seus correspondentes e suas aplicações no léxico *gay*.

2. Linguagem: gíria na comunicação

Ao longo da história acadêmica, a linguagem e suas variáveis tornaram-se objeto de análise da ciência. E em tempos excepcionais, notadamente anos 60, década de grande visibilidade do conhecimento científico, em especial a ciência linguística, que introduziu novos paradigmas do ato reflexivo de linguagem.

Desde o surgimento, a primeira preocupação da então ciência linguística era o de definir e ou desmembrar a concepção de linguagem, outrora empregada equivocadamente como língua, o que se pode apontar como formas legítimas de entendimento, uma vez que uma é inerente à outra, quando se estuda o processo de aquisição da fala. Sobre linguagem, Mário Eduardo Martelotta (2008) afirma que:

O termo “linguagem” apresenta mais de um sentido. Ele é mais comumente empregado para referir-se a qualquer processo de comunicação, como a linguagem dos animais, a linguagem corporal, a linguagem das artes, a linguagem da sinalização, a linguagem escrita, entre outras. Nessa acepção, as lín-

II CONGRESSO INTERNACIONAL DE LINGUÍSTICA E FILOLOGIA XX CONGRESSO NACIONAL DE LINGUÍSTICA E FILOLOGIA

guas naturais, como o português ou o italiano, por exemplo, são formas de linguagem, já que constituem instrumentos que possibilitam o processo de comunicação entre os membros de uma comunidade. (MARTELOTTA, 2008, p. 16 e 17)

Entende-se, então, por linguagem, a capacidade, faculdade e o processo em que ocorre a comunicação por quem está inserido no mesmo. Acrescenta-se ainda que a “capacidade” de linguagem é, eminentemente, um processo humano, pois neste, são evidenciadas características como a de cognição, fatores biológicos e sociais, além de outros elementos que compõem a esfera humana.

Assim, observadas as concepções de linguagem, que nos alude à fala, um componente do processo de linguagem, o qual se realiza, de forma majoritária, através de uma língua, termo que segundo (AURÉLIO, 2011) [...] “3.conjunto de palavras e expressões de um povo, faladas ou escritas, usadas por um povo, por uma nação, e o conjunto das regras de sua gramática”. Infere-se aqui, a língua como código organizado e convencionado por pessoas e ainda grupos pré-determinados, como exemplo a língua (em contexto de gíria) dos grupos homossexuais.

Quando apresentada numa ótica social, a língua sofre o que os estudiosos da linguística chamam de variação, termo que indica ruptura com vocábulos utilizados na língua, em função do uso e mais precisamente o uso social, relacionando no âmbito da variação social. Sobre variação, Mário Eduardo Martelotta salienta que as línguas

variam pela vontade que os indivíduos ou grupos têm de se identificar por meio da linguagem e mudam em função da necessidade de buscar novas expressões para designar novos objetos, novos conceitos ou formas de relação social. (MARTELOTTA, 2008)

A língua é um dos elementos indispensáveis para o trato social e assim também se faz fundamental para o indivíduo em sociedade, pois sempre a usamos e de formas diferentes. No trabalho, por exemplo, usamos um meio para nos comunicar e quer seja técnico ou não nos socializamos através da língua.

Desse modo, evidencia-se o caráter social da língua, que por questões culturais, evolui com o tempo. Assim, começa a surgir novas palavras, termos de nível técnico e de forma não muito isolada, as gírias, objeto de estudo deste trabalho.

De todos os desmembramentos da língua, a gíria é o que se pode apontar como aquele que mais se aproxima do social, talvez por isso seja

considerada elemento de afirmação social. No caso específico da gíria LGBT, especificamente de homossexuais masculinos, ela seja um dos principais elos que os caracterizam como grupo social.

Oriundas de classes menos favorecidas e ou de grupos marginalizados, como o de homossexuais, negros e pobres, as gírias nascem da necessidade de adaptação social de indivíduos pertencentes a esses grupos. Dino Fioravante Preti (2011) considera que

Quanto a esses comportamentos, essas marcas contribuem para a formação de uma consciência de grupo; quando os indivíduos fazem dessas marcas grupais uma forma de auto-afirmação na sociedade, dizemos que essas marcas constituem *signos de grupo*. [...]. No caso específico da língua ou, mais precisamente, do léxico, damos o nome de *gíria* ao vocabulário de grupos sociais restritos, cujo comportamento se afasta da maioria, seja pelo mundo inusitado, seja pelo conflito que estabelecem com a sociedade. (PRETI, 2011, p. 2)

3. A origem das línguas africanas

Entre o século XVI e especialmente no século XIX, o tráfico transatlântico transportou em cativo para o Brasil, cerca de quatro a cinco milhões de emissores africanos oriundos de duas regiões da África Subsaariana: a região banto¹, situada ao longo da extensão sul da linha do equador, no entanto compreende um grupo de quatrocentos línguas muito semelhantes, faladas em vinte e um países como Angola, África do Sul, Moçambique, República Democrática do Congo, Camarões, Guiné Equatorial, Uganda, Tanzânia, Quênia, Malavi, Zâmbia entre outros, e a região oeste africana², que abrange territórios que vão desde Senegal à Nigéria, quantos às línguas oeste-africanas, também denominadas de sudanesas, as mais importantes foram as línguas da família *kwa*, faladas no Golfo do Benim. Seus principais representantes no Brasil foram os iorubás e os povos de línguas *ewe-fo* que foram apelidados pelo tráfico, de *minas* ou *jejes*.

¹ Constituem um grupo etnolinguístico e que integra aproximadamente 400 subgrupos étnicos diferentes. A unidade desse grupo no âmbito linguístico, apresenta como a língua materna, uma língua da família banta e origem ligada do que hoje representa a Angola e Moçambique, contudo tinha como destino os Estados brasileiros tais como Maranhão, Pará, Pernambuco, Alagoas, Rio de Janeiro e São Paulo.

² Compreende um grupo etnolinguístico.

II CONGRESSO INTERNACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOLOGIA XX CONGRESSO NACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOLOGIA

O iorubá é uma língua única, estabelecida por um grupo de linguagens regionais concentrados no sudoeste da Nigéria e no antigo reino de Queto, atualmente na República do Benim, onde é intitulada como nagô denominação pela qual os iorubás ficaram tradicionalmente conhecidos no Brasil. Já o *ewe-fon* é um conjunto de línguas (mina, ewe, gun, fon, mahi) muito parecidas e faladas em territórios de Gana, Togo e Benim. Entre elas, a língua *fon*, numericamente majoritária na região, é falada pelos chamados fons ou daomeanos, concentrados geograficamente no planalto central de Abomé, capital do antigo Reino do Daomé, no Benim atual.

De acordo com especialistas da África Ocidental, no entanto, a despeito de dessa notável diversidade de línguas, todas elas apresentam uma origem genérica que é a grande família linguística Níger-Congo. Logo, são todas línguas correlacionadas.

3.1. O acesso dos negros no Brasil

O tráfico transatlântico promoveu o povoamento do Brasil por meio de recebimentos de emissores africanos oriundos de diversas regiões do continente africano. O núcleo português adotou a política de fundir escravos de diferentes regiões e etnias para bloquear a concentração de negros da mesma origem na colônia, os quais, compassivos na cultura e falando a mesma língua, poderiam se rebelar mais espontaneamente. No tocante a essa política, pelo menos nem sempre era seguida à risca, em razão de depender das relações comerciais na África, os traficantes inclinavam a transportar escravos que em sua prevalência vinham de uma mesma região.

Notoriamente na primeira metade do século XVI, com abertura do tráfico entre África e Brasil percebesse a afluência de línguas negro-africanas com o português europeu antecessor. A transcendência mais direta desse contato linguístico e cultural fora a variação da língua portuguesa na colônia sul-americana e a posteriori cooperação de emissores africanos na construção da modalidade da língua e da cultura representativas do Brasil.

Desvendar o avanço do integrante africano nesse decurso é ter em conta a atuação do negro-africano como personagem emissor no prolongar-se dos acontecimentos e procurar compreender os eventos relevantes tanto de ordem socioeconômica como de natureza linguística

que, ao longo de quatro séculos consecutivos, contribuíram com a interferência de línguas africanas na língua portuguesa, no Brasil. Esses objetos se fez notar em todos os setores: léxico, semântico, prosódico, sintático e, de forma rápida e gigantesca, no dialeto.

3.2. O processo de afirmação dos emissores africanos: nordeste e sudeste

É importante iniciar considerando que os traficantes envolvidos no comércio na região Nordeste, tão somente no Estado da Bahia, encarregados pelo suprimento de escravos para várias regiões nordestinas, com início em meados do século XVIII e perdurando até o fim do tráfico em 1850, se centralizaram principalmente no comércio com a região do Golfo do Benim³. Transversalmente do Golfo do Benim, os traficantes baianos adquiriram escravos aqui denominados dagomés, jejes, haussás, bornus, tapas e nagôs, entre outros, tais congregações eram embarcadas principalmente nos portos de Jaquin, Ajudá, Popo e Apá, e mais tarde Onim.

Em um segundo momento, considerando esse processo de comercialização no Sudeste, nos respectivos estados do Rio de Janeiro, Minas Gerais e São Paulo, os escravos originários daquela região eram chamados de minas. A ocorrência de serem oriundos de uma mesma região, falar a mesma língua e pertencer a uma mesma nação foi essencial para a sobrevivência dos africanos no Brasil. Assim sendo, tais emissores puderam reconstruir vínculos de amizade, constituição de famílias e comunidades. Mas isso não dificultou que africanos de etnias diferentes se relacionassem e criassem novas fusões.

A acareação das adversidades da escravidão muitas vezes concedeu a união de grupos étnicos divididos na África por antigas rivalidades. A pluralidade de povos e etnias para aqui transportadas por força do tráfico fez do Brasil um espaço privilegiado de convergência de tradições africanas diversas que ainda hoje continuam umas mais que outras, a moldar e realçar culturalmente o país.

³ Região sudoeste da atual Nigéria.

II CONGRESSO INTERNACIONAL DE LINGUÍSTICA E FILOLOGIA XX CONGRESSO NACIONAL DE LINGUÍSTICA E FILOLOGIA

Observou-se que na cidade do Rio de Janeiro, a área portuária conhecida como Valongo⁴ concentrava dezenas de sobrados que funcionavam como depósitos onde eram alojados os africanos recém-chegados. Ali havia armazéns que alojavam trezentos a quatrocentos cativos. Devido aos rigores da travessia, os africanos chegavam quase invariavelmente magros e debilitados, com feridas na pele, brotoejas e sarna. A travessia estimava uma duração média de até quarenta e cinco dias, contudo se as condições climáticas não fossem favoráveis, essas viagens puderam se estender por mais dias. Nesse caso, o drama dos cativos se agravava diante da falta de mantimentos suficientes e da propagação de enfermidades, mesmo que rápida, a travessia era infinitamente penosa para os cativos.

Nesse mecanismo de atravessar de maneira hostil, na qual se registrava alta na taxa de mortalidade nos primeiros meses que se seguiam ao desembarque, uma vez que os africanos chegavam bastante debilitados e não possuíam defesas para muitas moléstias existentes no Novo Mundo. Logo, verificou-se que no Valongo permaneciam por vários dias ou semanas recuperando-se da viagem e à espera de um comprador. É de conhecimento geral que, diversos africanos não resistiam e morriam nesse período de espera. Notou-se também com o alto número de mortalidade, no Cais do Valongo fora criado um cemitério construído para sepultamento de africanos recém-importados.

Em virtude do que fora mencionado, ao posicionar os negros africanos em contato povos de diversas regiões da África e mais tripulações brasileiras e europeias, os navios negreiros funcionavam como verdadeiros misturadores de moléstias típicas de cada continente. Em tal caso de contágio de febre amarela, tifo ou varíola era grande o número de mortes não apenas entre os cativos, mas também entre a tripulação. Havia ainda a morte provocada por suicídio e não foram poucos os cativos que puseram fim à existência precipitando-se no mar. Mesmo considerando o alto índice de mortalidade, o tráfico era um negócio extremamente lucrativo.

⁴ Construído em 1811, na região portuária no município do Rio de Janeiro, foi local de desembarque e comércio de escravos africanos.

4. A língua-de-santo, a resistência da religiosidade afro-brasileira

No Brasil, o idioma iorubá se manteve presente pela tradição nas rezas, cantigas, e saudações usadas no Candomblé, religião de origem africana trazida pelos negros escravos. É perceptível o funcionamento, implícito a esse processo sociolinguístico de uma geração de lideranças afro-religiosas que permaneceu a toda variedade de perseguições e é possuidora de uma linguagem litúrgica de base africana, cujo conhecimento é difusor de aproximação e ascensão na hierarquia sociorreligiosa do grupo, porque nela se qualifica guardada a noção maior de segredo dos cultos.

Procuramos não afirmar que, nesse mundo da espiritualidade, não exista a discriminação, pois ela existe. Há duas grandes facções do culto aos orixás no Brasil: a Umbanda e o Candomblé. A primeira está mais ligada ao sincretismo religioso, na qual a presença de santos católicos se funde a orixás africanos, como se fosse um “catolicismo espiritualizado”, contendo não só as concepções do culto africano como os dogmas da Igreja Católica. Na Umbanda, canta-se, reza-se e se salva em português. Já o Candomblé mantém as raízes africanas, não há o sincretismo, e os principais rituais são ainda cantados em iorubá. Talvez seja esse afastamento do conceito de pecado, mantido pela Umbanda, que faz com que os homossexuais optem pelo Candomblé, visto que socialmente ocorre este tipo de acusação: terreiros de Candomblé são frequentados por homossexuais.

Por ser o Candomblé uma religião nascida de uma segregação sociorracial e associada, durante muito tempo, à feitiçaria e à magia negra, houve uma repulsa total a essa crença, e a religião, então, por se ver marginalizada, passou a não fazer as mesmas distinções e restrições que a sociedade lhe fazia. Nesse sentido, pode-se dizer que foi a “abertura de portas” para o ingresso dos homossexuais poderem dedicar-se a uma crença religiosa, sem que fossem discriminados ou tivessem de abdicar de sua orientação sexual em prol de um dogma religioso.

Essa “língua-de-santo” é a proveniência vigente dos aportes lexicais africanos no português do Brasil, e a música popular brasileira por sua vez, é considerada o seu principal meio de divulgação, em razão de muitos dos seus compositores serem membros de comunidades afro-religiosas, como o fora Vinicius de Moraes, Naná Vasconcelos e, atualmente, Caetano Veloso, Maria Bethânia, Dona Ivone Lara, Gilberto Gil, Rita Ribeiro, Mariene de Castro, Martinho da Vila, e tantos outros de

II CONGRESSO INTERNACIONAL DE LINGUÍSTICA E FILOLOGIA XX CONGRESSO NACIONAL DE LINGUÍSTICA E FILOLOGIA

igual grandeza, entre os quais os compositores de blocos afros e afoxés da Bahia.

Paradigma relevante é a palavra axé⁵ “cada um dos objetos sagrados do orixá (pedras, ferros, recipientes etc.) que ficam no peji das casas de candomblé” (AURÉLIO, 2011), e também terminou incorporada ao português do Brasil para denominar um estilo de música de sucesso internacional, tipo *world-music*, produzida na Bahia e conhecida por todos como “axé-music”.

5. *Influência linguística: iorubá e português*

Emergi uma grande riqueza linguística, resultante de mais de três séculos da escravatura, que, incontestavelmente, teria influências no modo de falar do país. Segundo Yeda Pessoa de Castro, salienta que um dos maiores grupos vendidos do continente africano para o Brasil corresponde aos sudaneses, cujo idioma é o iorubá, podendo, também, ser denominados de nagô, bajubá ou pajubá, sendo ele o mais falado nos terreiros de candomblé do país. Em decorrência é desta origem a maioria das palavras usadas no falar homossexual, numa forma de, como no candomblé, evitar que pessoas de fora entendam conversas íntimas, sendo a língua neste caso, usada como uma espécie de código de resistência.

Dezenas de palavras que sofreram esta influência foram levantadas no *Dicionário Aurélio*, que traz pelo menos dezenas de verbetes utilizados por homossexuais.

5.1. Iorubá: a base dos LGBT

No que se pode observar quanto ao percurso linguístico da gíria, observa-se que a mesma é oriunda de termos/vocábulos existentes e muitas vezes sendo evidenciado o caráter contrário que o termo toma, quando enquadrado nos subgrupos em que assume outra acepção semântica. É legítima esta observação até mesmo no grupo LGBT. Tomado o termo “quelê”, originalmente entendido como “cheiro forte” que detêm os adornos dos orixás, entretanto, estando em contexto de gíria passa a

⁵ Palavra de origem iorubá que dentro e fora do contexto religioso, é usada com uma saudação utilizada para desejar votos de felicidade e boas energias.

ser “mau cheiro”, com forte carga pejorativa: “Aquele *boy* está com que-
lê fortíssimo”.

Este trabalho trata dos vocábulos de base ioruba, mas adverte-se que as gírias LGBT são constituídas por um universo de palavras que provêm de expressões construídas no meio social diferente deste mesmo grupo, além da grande massa midiática e até de outras línguas que não o iorubá, contudo o processo de construção continua afim ao já conhecido pelo meio acadêmico de construção e desconstrução de gírias. Dino Preti, (2011) observa que:

Há um processo muito dinâmico na renovação da gíria que, quase sempre, é muito efêmera. Quando um vocábulo da gíria de grupo se torna conhecido e, por isso, há necessidade de substituí-lo por outro, podem ocorrer três possibilidades: 1) ele volta ao vocabulário comum; 2) ele desaparece, tornando-se um arcaísmo gírio; 3) ele se liga a outros vocabulários de grupo, com modificação de sentido. (PRETI, 2011, p. 04)

Inferindo, especificamente, na questão da gíria LGBT, não se pode apontar mudanças profundas nos termos-bases, tidos como gírias, uma vez que a língua ioruba se encontra como língua primitiva de nações africanas e muito pouco foi pesquisado sobre sua evolução, no meio acadêmico sobre o cerne linguístico do idioma.

Assim, os termos assumem alterações que em subgrupos sociais, destacando aqui os LGBT, ora como papel de demarcação/ afirmação ora como transgressão de paradigmas constituídos socialmente.

Todos os termos selecionados para apreciação estão, diretamente, relacionados à língua ioruba, termos que se encontram em uso no Brasil, mais comumente por pessoas oriundas de religiões africanas, como candomblé e umbanda, comuns nos estados brasileiros.

Termo Iorubá	Acepção	Acepção LGBT - Gíria
Ajuem	Comida	Comida que se come após festa etc. Ex: “Gata, vamos pegar um ajuem?”
Amapô	Mulher	Mulher heterossexual, termo utilizado para diferencia de mulheres homossexuais.
Aqué	Dinheiro	Dinheiro a ser utilizado em festas de temáticas diversas do meio LGBT.
Equê	Mentira	Termo utilizado para mentiras, em geral, e também em supostas frases irônicas, e ou sentidos opostos para frases afirmativas.
Erê	Entidade Infantil	Acepção para crianças e ou adolescentes afins para relações homossexuais.
Quelê	Cheiro forte	Mau cheiro, com forte carga pejorativa.
Ocó	Homem	Homens heterossexuais afins para relações homossexu-

II CONGRESSO INTERNACIONAL DE LINGUÍSTICA E FILOLOGIA
XX CONGRESSO NACIONAL DE LINGUÍSTICA E FILOLOGIA

		ais.
Odara	Bonito	Termo que assume o sentido de grande, muitas vezes relacionado ao tamanho do órgão sexual e ao porte físico.
Ojó	Olho	Olhar dado ao flerte.
Otim	Bebida alcoólica	Bebidas consumidas no meio LGBT.

As religiões africanas, quando chegaram ao Brasil, sofreram grande repressão por sua conduta contrária à igreja europeia e o estigma e caráter de perseguição ainda permaneceram no cenário nacional vigente, mesmo tendo as ideologias religiosas passadas por processo de sincretismo religioso, nada mudou. Esta observação pode ser evidenciada em qualquer meio que se encontram terreiros e casas de santo, não necessitando de análises empíricas para se fazer tal prática.

Ao longo da história, observa-se que estas religiões, diferentes das “tradicionais”, as europeias e afins ou as que não fazem parte do conjunto das africanas, são compostas em suas bases sacerdotais por pessoas homossexuais, incluindo neste conjunto a função de grande líder religioso, comparando-se ao alto escalão do clero católico. Logo, refletindo por esta ótica, pode-se apontar a liberdade que pessoas homossexuais possuem nas denominações africanas, extraíndo daí toda sua identidade, para se auto afirmar como sujeitos sociais de um grupo.

Assim, percebe-se que toda a herança linguística proveniente do ioruba passa aos grupos LGBT, mesmo não sendo todos os membros destas religiões. Bastando, apenas, algum sujeito homossexual participar da mesma e todos os outros, no meio social, familiarizam-se com os vocábulos que passam a ser de todo o grupo. Desta forma, os falantes passam a interagir com seus pares, demonstrando pertencer aos grupos que os cercam, dando notoriedade ao processo de comunicação.

Pode-se considerar a gíria LGBT, antes de tudo, uma luta de classes entre sujeitos, com mecanismos críticos de interação, uma vez que este processo de comunicação está velado entre seus membros e estes o utilizam como manifestação subjetiva de grupo.

6. Considerações finais

Procuramos apresentar neste artigo o processo do fortalecimento como resultado o os termos utilizados pela comunidade LGBT, em contextos de gírias, comumente empregados nos subgrupos sociais, ora tidos como grupos marginais.

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

A análise de línguas como pajubá e iorubá faz-se necessária no meio acadêmico, uma vez que estas línguas constituem a base histórica e social de uma nação como o Brasil, sendo legítimo apontar que a natureza linguística destes idiomas dá base ao que conhecemos como gíria LGBT, apresentadas no decorrer deste trabalho. Estes termos tornam-se elementos de afirmação social, que confere aos falantes do grupo identidade e autonomia de comunicação com seus pares.

Os termos usuais refletem, portanto, o universo LGBT, dando visibilidade a este grupo e criando, ali, um elo de “empoderamento” dos sujeitos homossexuais. Assim, todos os sujeitos entram em sintonia, fazendo de seus termos produtos culturais.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALBUQUERQUE, Wlamyra Ribeiro de; FRAGA FILHO, Walter. *Uma história do negro no Brasil*. Salvador: Centro de Estudos Afro-Orientais; Brasília: Fundação Cultural Palmares, 2006.

BOURDIEU, Pierre. *A economia das trocas linguísticas: o que falar quer dizer*. 2. ed. São Paulo: Edusp, 2008.

CASTRO, Yeda Pessoa de. *Falares africanos na Bahia: um vocabulário afro-brasileiro*. Rio de Janeiro: Topbooks, 2005.

ELIAS, Norbert. *O processo civilizador: uma história dos costumes*. Rio de Janeiro. Jorge Zahar, 1990.

FOLHA on-line. Polêmico “Aurélia” reúne termos do mundo gay. Data: 29 maio 2006. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/folha/ilustrada/ult90u60885.shtml>>, Acesso em: 20-12-2009.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Minidicionário Aurélio da língua portuguesa*. 8. ed. São Paulo, 2011.

FREITAS, Alessandra. *Gíria: linguagem ou vocabulário?* Disponível em: <[http://www.filologia.org.br/revista/41/giria linguagem ou vocabulario.pdf](http://www.filologia.org.br/revista/41/giria%20linguagem%20ou%20vocabulario.pdf)>. Acesso em: 15-07-2016.

LOVEJOY, Paul E. *A escravidão na África: uma história de suas transformações*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002.

**II CONGRESSO INTERNACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOLOGIA
XX CONGRESSO NACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOLOGIA**

MARTELOTTA, Mário Eduardo. *Manual de linguística*. 1. ed. 1ª reimpr. São Paulo: Contexto, 2008.

MENDONÇA, Renato. *A influência africana no português do Brasil*. Brasília: FUNAG, 2012.

OLIVEIRA, Fernando Alves de. A influenciada linguagem do candomblé no falar dos homossexuais: a língua como resistência. *Miguilim – Revista Eletrônica do Netlli*, vol. 2, n. 3, p. 3-12, 2013.

PRETI, Dino Fioravante. *O léxico na linguagem popular: a gíria*. Disponível em: <http://dlcv.fflch.usp.br/sites/dlcv.fflch.usp.br/files/02-1_0.pdf>. Acesso em: 15-07-2016.

SILVA FILHO, Milton Ribeiro da. De Bajubá em Bajubá, onde será que vai dar? Apropriações, classificações e relações de poder em Belém-PA. In: II Encontro da Sociedade Brasileira de Sociologia da Região Norte, 2010, Belém. CD Virtual da II SBS Norte, 2010. Disponível em: <<http://www.sbsnorte2010.ufpa.br/site/anais/ARQUIVOS/GT6-75-30-20100831235143.pdf>>. Acesso em: 15-02-2014.

THORNTON, John. *A África e os africanos na formação do Mundo Atlântico, 1400-1800*. Rio de Janeiro: Campus, 2003.